

O corpo disputado

Gabriel Maria Sala
Professor de Antropologia da Educação, Diretor do “Master in Mediazione culturale”
da Università degli Studi di Verona – Itália e Diretor do “Centro di Ricerca
e formazione Clínica Gabriel Ubaldine Slonina.
salagabrielmaria@gmail.com

Tradução feita do italiano para o português de Portugal por Marisa La Salette Monteiro Vaz,
Doutora em Psicologia pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
da Universidade do Porto e Università Degli Studi de Verona.
marisamvaz@gmail.com

Fazer terapia é colocar sempre o conhecimento e as técnicas de intervenção à prova. E como a principal ferramenta de trabalho é nós mesmos, é sempre um desafio, medir as nossas habilidades, o nosso conhecimento e a nossa maneira de nos colocarmos no espaço terapêutico.

Na exposição que se segue regressarei, após quase vinte anos, a um trabalho de mediação¹ etnoclínica realizado com Emily, uma menina ganense de nove anos. Neste exposto, retomarei as perguntas que me fiz durante a supervisão: pela primeira vez, encontrei um conflito religioso que pretendia possuir o corpo de uma pessoa. Nas religiões, o que conta não são as formas de conhecimento, mas sim a *salvação*. Tendo em conta esta premissa, e como refere Isabelle Stengers, quer se queira ou não as práticas terapêuticas estão sujeitas a um confronto com a questão da guerra: guerra entre crentes, guerra entre os deuses nas suas conquistas de coletividades e grupos.² Esta guerra foi uma novidade para mim, tive que tomar partido numa disputa familiar definindo a quem pertence um dos seus descendentes e torná-los fiéis ao seu grupo religioso, talvez interessado em suas almas, mas que, com certeza, passa também pelos seus corpos. Esta disputa coloca também em discussão a minha posição de terapeuta: de que parte estou, com quem tomo partido.

1 Designo de mediação etnoclínica o trabalho terapêutico que usa o dispositivo próprio da etnopsiquiatria tal como foi criado por Tobie Nathan no Centro Georges Devereux em Paris VIII, que fornece um ou mais mediadores linguísticos culturais ou mediadores, bem como um ou mais terapeutas. Cfr. Tobie Nathan *L'influence qui guérit*, Odile Jacob, Paris 1994

2 Isabelle Stengers *Il laboratorio di etnopsichiatria*, introduzione a Tobie Nhatan *Non siamo soli al mondo* (2001), Bollati Boringhieri, Torino 2001 p.18

Início da supervisão

Fomos chamados pelas professoras e psicólogas para compreender a situação de uma menina ganense que as preocupava.³ O encontro acontece numa sala da escola primária que, normalmente, é utilizada para os encontros entre as famílias e os professores. As cadeiras são dispostas em círculo, como sempre durante esse tipo de encontro. São as professoras que narram os eventos que estiveram na origem do pedido do encontro: a repentina depressão de Emily, uma menina frágil e graciosa proveniente do Ghana, dois grandes olhos negros, duas longas pernas finas que seguram um corpo ágil de nove anos de idade.

Durante o ano letivo, as professoras notaram uma mudança repentina no comportamento de Emily. Imprevistamente, a menina começa a falar pouco, isolando-se frequentemente, deixando de correr e brincar com seus colegas como costumava fazer. As professoras tentam compreender o motivo da tristeza de Emily, mas não conseguem entender a sua causa.

Na escola, constantemente, perguntam-lhe:

- O que te aconteceu? Por que esta cara triste, por que é que não vais brincar com teus amigos, ouves eles chamando por ti?

Emily responde apenas e constantemente:

- Eu sonho com a minha avó.

Eu sonho com minha avó, uma simples frase de criança, e aparentemente de fácil compreensão. Quase sempre respondiam:

- Mas não é uma coisa ruim sonhar com a avó.

- Talvez sintas muito a falta da tua avó?

Como a situação se prolonga e continua, as professoras convocam a mãe para um encontro. A mãe afirma que em casa Emily comporta-se como sempre e não se apercebeu de nenhuma mudança: é como sempre foi. As professoras incrédulas decidem pedir a intervenção da psicóloga, motivando o pedido como "um caso de depressão na escola". Tendo em conta, também, o testemunho de outros pais que moram perto da casa de Emily, e que afirmam ouvirem frequentemente discussões e gritos, especialmente da parte do pai que levanta a voz dando a entender que bate nos seus filhos.

A psicóloga começa uma série de sessões com Emily. Durante os encontros, aplica alguns testes (Wish, CAT, Rorschach, Wilson e desenho familiar). Os resultados confirmam às professoras que Emily é uma criança que "sim, está um pouco deprimida, mas não de um modo alarmante".

No entanto, a tristeza que persiste e o "sonho com a avó" e nada mais, coloca muitas dúvidas às professoras e à psicóloga. Daí o pedido de um encontro de mediação etnoclínica.

A situação da família

Emily frequenta a escola primária com seu irmão Jacob, um ano e meio mais velho. A sua irmã Sara, de doze anos, frequenta, por sua vez, a ensino médio. Os três nasceram em Kumasi, a antiga capital e atualmente a segunda maior cidade do Ghana, onde parte da família materna ainda reside. Emily chegou a Itália há três anos, enquanto que o seu irmão e irmã há seis anos atr-

3 A intervenção, realizada em 2001, foi pedida ao *Laboratorio de mediação cultural* da Universidade de Verona dirigido por mim. Estavam presentes, para além do escrevente no papel de psicoterapeuta e responsável do Laboratorio, três mediadoras linguístico-culturais ghanenses *asante* (*ashanti* na grafia inglesa) que falam *twi*, uma *fanti*, e um mediador linguístico cultural também ele ghanense do grupo étnico *ewe*. No texto para os designar utilizarei a sigla MLC, connotata ríspetivamente dai numeri 1,2,3,4,5. No trabalho do *Laboratorio* designávamos *supervisoes* os encontros, nos quais não eram presente as pessoas de quem se fala, neste caso nem a criança, nem os pais. Designávamos, por sua vez, de *consultas* os encontros nos quais estavam presentes, para além dos operadores sociais, os usuários.

-ás. Na escola tudo corre bem, não têm problemas com a língua italiana, nem verbal nem escrita, integraram-se sem dificuldades quer na classe quer no bairro onde moram. Em casa, falam inglês e *twi*, a língua dos *asante*.⁴

A família da mãe, Rachele, mora no Ghana. Um irmão e uma irmã moram em Kumasi, outros dois emigraram para a América. A avó de Emily mora, junto com sua filha mais velha, numa aldeia no interior em direção a Ejura. A mãe de Emily estudou economia na Universidade de Kumasi.

O pai é engenheiro, estudou em Accra, cidade onde morava antes de vir para a Itália. Na província de Verona, criou uma pequena empresa de transportes, na qual trabalha também a sua esposa.

Os pais de Emily casaram-se em 1988 e, após o casamento, mudaram-se para a Itália. A mãe, periodicamente, regressava ao Ghana durante a gravidez e parto dos três filhos, permanecendo até ao final da amamentação. Após este período, ela regressava a Itália, deixando os filhos aos cuidados da sua família até à idade escolar.

Ambos os pais de Emily são cristãos pentecostais, sendo o pai, particularmente, ativo nas atividades da Igreja.

O dispositivo de mediação

Em todos os encontros de supervisão ou consulta, os mediadores linguístico-culturais estão sempre presentes. São fundamentais para o trabalho etnoclínico. O primeiro objetivo do condutor do encontro é despertar a confiança necessária, que permita o desenvolvimento de discursos e questões sobre as diferenças culturais, assim como as semelhanças. Mas, para confiar nos outros, é necessário que o condutor demonstre que ele próprio confia no grupo. Esta confiança não se focaliza no MLC, enquanto indivíduo, mas sim no conhecimento dos grupos aos quais eles pertencem e que eles representam.

Por isso, o convite que deve ser feito ao MLC é sempre aquele de não referir suas próprias opiniões, ou a sua convicção pessoal, mas, no dispositivo de mediação, é essencial que cada MLC seja capaz de dizer como nos seus grupos, nas suas famílias de origem, na sua língua, se narraria a situação, que discursos seriam feitos em torno à questão em análise. Tecnicamente, isso comporta o abandono de expressões como "*na minha opinião*", "*eu penso que*", "*acredito que*" etc., pois que estas expressões introduzem um pensamento pessoal. Para abrir a discussão seria preferível a utilização de expressões como "*nós dizemos assim*", "*nós, entre os asante, fazemos assim*" etc. Estas locuções introduzem as vozes dos seus próprios grupos de origem ou sublinham as diferenças: "*eles, asante fazem assim, mas nós fazemos de um modo diferente, nós somos patrilineares...*".⁵

4 Os *asante* ou *ashanti*, na escrita anglicizada, pertencem à etnia Akan, que povoa a maioria das áreas florestais de Ghana e do sudeste da Costa do Marfim. Tradicionalmente eles são matrilineares. No Ghana, além dos numerosos trabalhos contidos em *African Studies Series*, Cambridge University Press, são interessantes as investigações antropológicas sobre os *Nzema*, uma população do grupo Akan, na zona sudoeste de Ghana, realizadas ao longo de várias décadas (a primeira missão etnológica foi iniciada em 1954). Cfr. Vinigi L. Grottanelli (a cura di) *Una società guineana: gli Nzema*, Boringhieri, Torino 1977; Vittorio Lanternari *Dei, Profeti, Contadini, incontri nel Ghana*, Liguori, Napoli 1988; Mariano Pavanello *Il segreto degli antenati*, Altravista, Broni (PV) 2007. Cito apenas estes três textos para dar conta da continuidade do trabalho ao longo de três gerações.

5 Cfr. Sybille de Poury *Traité du malentendu*, Les Empêcheurs de penser en rond, Le Seuil, Paris 1998 e *Nouvelle Revue d'ethnopsychiatrie* n. 25-26

Culpa e vergonha

Uma professora diz:

- Nós até fomos a casa dela para ajudá-la. Nós realmente queríamos entender o que está acontecendo com Emily e tentar ajudar juntamente com a mãe. As minhas colegas e eu estávamos muito preocupadas, ela tinha mudado drasticamente: há várias semanas que ela estava triste, não falava, não brincava e começava a não comer.

MLC 5: - Aqui faz-se assim, mas, como eu já disse antes, se fosse na África isto não teria acontecido. Nós depositamos muita confiança nas professoras e o que quer que aconteça na escola, são as professoras que resolvem. Os pais nunca são chamados, exceto por razões muito sérias. Se isso acontecesse, para os pais seria uma verdadeira vergonha.

Dirigo-me aos MLCs e pergunto: - Ou seja, se tivesse acontecido no Ghana, os pais teriam sentido uma grande vergonha em frente à aldeia ou ao bairro, mas aqui na Itália acontece a mesma coisa?

MLC 4 responde: - Aqui nós africanos sentimos-nos observados e julgados três vezes: pelos italianos que nos conhecem e que, alguns deles, nos ajudaram até a arranjar trabalho. Depois, pelos outros imigrantes: onde quer que estejamos, as comunidades do nosso país sabem sempre o que fazemos e como as coisas estão indo. E por fim, julgados também pelas nossas famílias que estão na África. Esta é frequentemente a maior preocupação: é a eles que temos que enviar uma parte do dinheiro que ganhamos, é a eles que devemos dar conta do nosso sucesso ou fracasso. São eles que investiram em nós e nos permitiram estar aqui hoje. É no confronto com eles que devemos mostrar se estamos honrando a família ou se devemos nos envergonhar: é a partir daí que nossos antepassados nos olham.

Enquanto escuto, recorro às hipóteses de Pierre Benghozi⁶ sobre a vergonha e a humilhação, e tento de alguma forma manifestá-las ao grupo, chamando a atenção para a maneira como nós, ocidentais, tentamos interpretar o comportamento das pessoas, através da atribuição do sentimento de culpa, um dos elementos que funda o carácter pessoal nas culturas judaico-cristãs. Pelo contrário, para muitas populações africanas e asiáticas, mas também mediterrâneas da antiguidade (fenícios, aqueus, dórios, etruscos, etc.), é a humilhação, a vergonha, o que constitui o profundo significado do carácter de uma pessoa. A vergonha é vivida em relação ao grupo: ela age sobre os sujeitos enquanto parte de uma comunidade e não, somente, como indivíduos. De acordo com esta modalidade, a vergonha tem uma dimensão intersubjetiva, é uma emoção condicionada pelas expectativas do próprio grupo de origem. E, como tal, coloca-se fora da dinâmica intrapsíquica, é algo que se liga às relações intersubjetivas.⁷ Isto, talvez, poderia explicar como a mãe tende a negar as mudanças depressivas de Emily.

6 Os trabalhos de Pierre Benghozi na vergonha e humilhação em relação às migrações são os mais originais que eu conheço expostas nos Seminários da Universidade de Palermo 1993 e Universidade de Verona 1998. Cfr. "Porte la honte et maillage des contenants généalogiques familiaux et communautaire en thérapie familiale", *Revue de psychothérapie de groupe*, n° 22 1994.

7 Sobre esta influência externa que nos condiciona e modifica cfr. Tobie Nathan *L'influence qui guérit*, Odil Jacob, Paris 1994 e sobre as consequências teóricas cfr. Isabelle Stengers *La frayeur et l'angoisse* in *Cosmopolitiques VII*, (1997) *La Découverte/Poche*, Paris 2003 pp. 308-324

Mas há também um outro aspecto cultural relevante: para muitos grupos étnicos africanos é necessário considerar o modelo de filiação. Ambos os pais são Asante, pertencem ao grande grupo dos Ackans e são tradicionalmente matrilineares.⁸

Linhagens patrilineares e matrilineares

Mas há também um outro aspecto cultural relevante: para muitos grupos étnicos africanos é necessário considerar o modelo de filiação. Ambos os pais são Asante, pertencem ao grande grupo dos Ackans e são tradicionalmente matrilineares.

Se nos debruçarmos sobre a estrutura de parentesco de Emily, o pai e a mãe são provenientes de uma região da África onde a guerra entre os sexos vem acontecendo há séculos. No que concerne os Asante, em específico, está em vigor há muitas décadas um sistema matrilinear característico: em cada aldeia coexistem duas organizações de clãs, oito matrilineares, Abusa e oito patrilineares, Ntoro, que competem entre si para a sucessão. Uma das consequências concretas desta situação é o estabelecer a quem as crianças pertencem, se ao grupo familiar materno ou aquele paterno.

Nas últimas décadas, nos grupos étnicos matrilineares do Ghana, e também na Costa do Marfim, Camarões, Zaire ou Congo, as transformações políticas, as conversões religiosas, as novas legislações nacionais e as migrações na Europa e nos Estados Unidos, comprometeram a descendência matrilinear, fraturando a filiação tradicional: o poder e os cargos políticos herdados através da linhagem feminina dentro da família materna.⁹ Que consequências tudo isso pode ter na história de Emily?

O conflito entre a matrilinearidade e a patrilinearidade, pode sugerir uma hipótese de compreensão da situação de Emily: a insistência do pai em sublinhar o vínculo religioso cristão, pode estar ligado, de um certo modo, à luta pelo controle da descendência patrilinear?

Estas considerações, se por um lado são necessárias para fornecer diferentes perspectivas ao nosso modo de interpretar os eventos familiares, permitindo-nos compreender conflitos a partir de formas de organização social completamente diferentes das nossas, por outro, obviamente, não são suficientes para compreendermos completamente os eventos de cada família ou cada indivíduo.

Na reconstrução dos eventos em torno da história de Emily, é necessário também clarificar que os pais são a primeira geração convertida ao cristianismo, que recorde-se o pai é reconhecido como uma pessoa muito ativa na igreja pentecostal.

Uma professora: - Eu também ensino na turma do irmão de Emily, Jacob, e muitas vezes ele repete que sua avó é uma grande curandeira.

Para o grupo MLC ouvir que a avó é uma grande curandeira, significa, em primeiro lugar, dizer que o clã da família materna é um clã de curandeiras-curandeiros, *akomfoo*.¹⁰

8 Para além dos textos citados cfr. Thomas C. McCaskie *State and society in pre-colonial Asante*, Cambridge, Cambridge University Press, 1995. (African Studies Series; 79). Sobre a descendência, linhagem e clã cfr. Jack R. Goody, S.J. Tambiah (1973) *Ricchezza della sposa e dote*, Franco Angeli, Milano 1981 e Gwendolyn Mikell, *African Feminism. The Politics of Survival in Sub-Saharan Africa*. University of Pennsylvania Press, Philadelphia, 1997. Mariano Pavanello *Il segreto degli antenati* Altravista, Torrazza Coste (PV) 2007.

9 Recorde-se que os Asante, sobretudo provenientes das zonas da antiga capital Kumasi, estão muito mais ligados às tradições, ao contrário dos Fanti, habitantes na zona costeira e mais ocidentalizados devido ao colonialismo inglês.

10 Uma dificuldade constante do trabalho etnográfico, consiste na tradução de termos que, em outros idiomas que não são aqueles europeus, designam as pessoas que trabalham no mundo da cura tradicional e baseiam o seu trabalho na relação que estabelecem com o mundo invisível. Termos em twi como *ayaresafo*, *obayifo*, *bayifo* traduzirlos como curandeiro, feiticeiro, bruxa, leva-nos a uma nossa história antiga, cheia de significados conflituais, quer com a história do cristianismo quer com a medicina oficial. Usar palavras como "sacerdotes-curandeiros", em twi *komfoo* ou *akomfo*, ajudaria, talvez, a compreender melhor o significado de algumas das suas práticas, mas obviamente

Portanto, esta nova informação coloca muitas questões que afetam todo o grupo, a tal ponto que todos nos questionamos que tipo de relação pode existir entre este fato e o fato de Emily sonhar com sua avó. Talvez seja o caso de indagar sobre o conteúdo dos sonhos.¹¹

Em toda África subsaariana e central, os sonhos assumem sempre uma dimensão de oráculo: quem se apresenta num sonho é sempre enviado de um espírito ou uma bruxa, uma divindade ou seu sacerdote.¹² Assim sendo, a primeira pergunta indispensável a fazer é: - Quem é a avó?

Partindo da informação dada pelo irmão de Emily, sabemos que sua avó é uma "grande curandeira", penso que pode haver ligação especial entre a avó e a neta. Aparentemente, há um interesse da avó pela sua neta, que pode relacionar-se com a questão da reivindicação do clã materno: é uma situação que não se repete, por exemplo, em relação à irmã mais velha, nem aos outros/as netos/as. Talvez haja uma relação entre os sonhos da criança e a *natureza* da sua avó.

- É possível que a avó a esteja "chamando" e os sonhos façam parte desta convocação. Utilizo especificamente estas palavras, sabendo que são uma provocação para os MLCs. Observo-os e pergunto:

- Quando uma curandeira, *ayaresafoo*, ou uma bruxa, *bayifoo*, visita em sonho uma neta é para comunicar algo com ela: se a avó é uma curandeira e aparece em sonho a uma criança, o que vocês *Asante* diriam?

MLC 1: - Que sua avó escolheu esta neta para transmitir o seu poder. Certamente a avó não é uma pessoa normal, ela pode ser uma sacerdotisa de cura, uma *akomfoo* ou uma *bayifoo*, uma bruxa, como vocês dizem em Itália, quer ensinar à criança o que ela pode fazer, não estando perto dela, vai ao seu encontro no sonho, chamando-a para si.

Uma professora pergunta: - *Mas por que a deveria chamar?*

MLC 2: - A avó quer que os seus poderes, o seu conhecimento e as suas capacidades para curar sejam transmitidos na família e ela escolheu esta neta para transmitir o que sabe. É como se a tivesse eleita como sua herdeira espiritual. Indo ao seu encontro em sonho, a avó chama-a para ser *iniciada* aos saberes tradicionais. Ela precisa de tê-la perto de si para cumprir a iniciação e transmitir os segredos que ela também recebeu quando era jovem. Quer transmitir os conhecimentos necessários para que Emily se torne uma curandeira como ela.

MLC 5 (homem): - Vocês não acreditam nestas coisas, mas posso garantir que é mesmo assim que funciona. Eu tinha um colega de quarto que veio para a Itália comigo há mais de dez anos atrás, levámos cerca de sete anos para obter a permissão de residência. Todavia, a sua família não concordava com a sua escolha de permanecer na Itália, após a morte de seu irmão mais velho. Seu pai e mãe diziam-lhe constantemente para ele regressar: com a morte do irmão, o meu amigo passou a ser o mais velho dos irmãos. Mas ele não queria voltar, então eles começaram a "chamar" por ele. Ele começou a ter sonhos estranhos e contínuos a tal ponto que uma manhã, quando ele acordou, decidiu regressar à casa. Eu acompanhei-o ao aeroporto, sem dizer nada, nós dois sabíamos que ele não voltaria. Vocês não acreditam nessas coisas, mas elas

é necessário considerar as diferenças e os universos culturais que são profundamente diversos. Problemas linguísticos semelhantes surgiram com qualquer outra língua africana *fon*, *wolof*, *fulbe*, etc. Aqui, quase sempre, seguimos as indicações dos MLCs. O nosso interesse, como evidenciado, é o que a língua falada em comum transmite. Por outras palavras, o que fazemos é quase sempre um trabalho etnometodológico de acordo com a abordagem de Harold Garfinkel cfr. *Studies in ethnomethodology*, 1967, Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall. Cfr. anche i lavori di Robert Kwame Ameh *Trokosi in Ghana: a Policy approach*, in *Ghana Studies* (Madison, WI), 1, 1998, p.35-62.

11 Dos muitos trabalhos sobre os sonhos em diferentes culturas, analisados numa perspectiva etnoclínica, basta citar aqui para polarizar as diferenças, Paul Parin, Fritz Morgenthaler, Goldy Parin-Matthey *Les blancs pensent trop*, Paris, Payot, 1966 (ed. Zurich, Atlantis, 1963) e Tobie Nathan *La nouvelle interprétation des rêves*, Paris, Odile Jacob, 2011

12 Para a África central cfr. il classico lavoro di Edward E. Evans-Pritchard *Witchcraft, Oracol, and Magic among the Azande*, Oxford University Press, 1976 cfr. nelle Appendici II. *Stregoneria e sogni* (trad. it. Milano, Cortina 2002 pp. 271-278)

são verdade-iras, eu vos garanto.

Depois de alguns momentos de silêncio e de perplexidade, uma psicóloga pergunta: - Mas como eles chamam as pessoas?

MLC 2: - Se eles querem que seu filho ou filha regressem e estes não querem, eles vão a um “daqueles que sabem coisas”, um feiticeiro, uma *obayifo*, ou um *bayifoo* em twi, as pessoas que têm os poderes que certamente também tem a avó da criança. Eles sabem o que têm a fazer e aqueles que são chamados devem regressar imediatamente: se aquele que é chamado não responder, então adoece em primeiro lugar, depois endoidece ou morre. Mas o que acontece quase sempre é que quem é chamado regressa imediatamente.

O contraste provocado pelas diferentes visões do mundo em debate dão origem, obviamente, a novos discursos que se somam aos anteriores. A nova proposta introduzida pelo MLC refere-se aos conflitos inter-religiosos presentes na África atualmente e que envolvem famílias e inteiras gerações. Mas acima de tudo, introduz uma nova perspectiva sobre os eventos narrados: um contexto de filiação e transmissão de uma sabedoria tradicional de uma geração para outra e a proposta de iniciação. Uma avó e uma neta consideradas “eleitas”.

Neste espaço, a principal função do MLC é permitir o surgimento e a multiplicação de discursos, de etiologias, de interpretações e, portanto, de concepções do universo que traz consigo, enquanto pessoa com uma origem cultural diversa.¹³ Os discursos e as palavras utilizadas pela MLC evidenciam a existência de um mundo oculto, do qual se percebe a dificuldade de torná-lo visível e comunicável. Penso saber o que significa “ser chamado” por uma avó curandeira ou bruxa, que deseja iniciar uma neta, mas nos últimos anos fui obrigado a elaborar o que acabei designando por “lógica do suspeito”: suspeitar do que compreendo. Suspeitar, isto é, não tanto do que os outros me dizem, sobre a veracidade ou não dos seus discursos, mas sobre o que eu penso ter percebido acerca de uma situação, sobretudo quando os discursos dizem respeito a algo que penso saber, devido às experiências que já tive em algumas realidades africanas.¹⁴

Por essa razão, tento ampliar os discursos dentro do grupo, o máximo possível, e considerar as hipóteses que a discussão em grupo propõe. Esta visão equivale a uma fase etnometodológica do trabalho e é o que eu constantemente tento fazer em todas as supervisões e consultas. Começamos, por este motivo, a discutir o significado de algumas palavras, tentamos escavar nos significados culturais de alguns termos que na língua traduzida nem sempre se consegue exprimir. A fim de compreender o implícito e a amplitude dos significados culturais que uma determinada língua transmite. Neste processo torna-se fundamental interagir com um grupo de MLCs e não apenas com um, de maneira a criar um verdadeiro laboratório interpretativo, sobre as palavras e os seus significados, sobre a tradução e, juntos, sobre as realidades sociais a que se referem e a pluralidade de sentidos que o falar quotidiano transmite.

Algumas MLCs, depois de ouvir a história de Emily, expressam sua hipótese.

MLC 4: - Talvez os pais tenham que a criança possa revelar um segredo de família, algo que diz respeito à avó.

MLC 2: - O que há de errado com essa família e que dá origem a discussões ou, talvez, faz com que a *mão do pai seja pesada* é o medo de que a menina possa dar a conhecer alguns segredos por aí.

13 Sobre a prática da mediação linguística cultural e sobre a figura dos mediadores e mediadores linguísticos culturais, para além do texto supracitado de Sybille De Pury, cfr. o do escrevente Gabriel Maria Sala lojas *Negozi di parole*, QuiEdit, Verona 2013 e o relatório do Projeto Europeu Leonardo sobre *mediador cultural europeu*: Gabriel Maria Sala *Mediazione culturale: operatività e formazione*, in Giuliano Carlini, Claudio Cormagi (a cura di) *Luoghi e non luoghi dell'incontro*, Coedit, Genova, 2001 pp.129-157)

14 Os lugares onde conheci pessoalmente pessoas sujeitas à “chamada” da parte de avós, avôs ou tios foram especialmente as aldeias da zona de Kolda em Casamances (Senegal) frequentadas regularmente a partir de 1998. Obviamente, o “ser chamado” é algo que funda a história do cristianismo desde São Paulo e todas as vocações sucessivas.

O tal "algo de errado", se eles não aparecem nas reuniões, se eles dizem que em casa a criança se comporta como sempre, é identificado como um segredo de família. Tento, então, compreender o que os MLCs querem dizer.

Eu pergunto: - Há algo a que vocês se referem dizendo "segredos de família"?

A resposta é dada quase em coro: para eles, é uma evidência tal que se eu não pedisse explicações, não seriam necessárias. Para eles é óbvio, é o que está na base dos seus discursos: o trabalho de mediação consiste frequentemente em trazer à luz o óbvio, ou seja, algo implícito que não precisa de explicações no mundo cultural deles.

MLC 1: - A feitiçaria. Certamente eles temem que se venha a saber na igreja Pentecostal, que condena fortemente essas práticas, tanto aqui como na África.

MLC 2: - Eu acho que a avó é uma bruxa, *bayifoo*, ela também pode ser uma sacerdotisa, uma *Akonfo*, de alguma divindade, de água, por exemplo *Nsuo Obosom*, ou da terra, *Asaase Obosom*, e designou a neta como herdeira de seus poderes. Mas para se tornar *Akomfoo* são necessários anos de iniciação. Mas os pais são cristãos e a Bíblia diz que *a luz não pode estar no escuro* ... eles não podem se dar bem naquela casa, a avó deu algo à criança.

MLC 1 (risos): - Um lindo presente de bruxa: um espírito! *Obosom*.¹⁵

Pergunto: - quais são os significados de *Obosom*?

MLC 2: - São as divindades antigas da África. Podem ser fetiches, mas também divindades da água *Nsuo Obosom*, ou da terra como *Obosom*.

MLC 3: - Mas também dos ancestrais, o *Nananom Samanfoo*, são as forças mais poderosas. São aqueles que podem dar benefícios ou punições.

MLC 1: - Talvez os pais estejam tentando fazer Emily entender que existe Cristo, que existe um Deus mais importante do que *Obosom* que ela conheceu quando viveu com sua avó, um Deus mais poderoso e mais forte que todos os fetiches: eles adoram *Obosom*, do mundo dos seus antepassados ou das muitas divindades. A igreja pentecostal insiste muito nas regras, a participação implica rezar várias vezes ao dia e não se deve nunca faltar às cerimônias na igreja e é proibido exercer qualquer outra prática religiosa.

MLC 3: - Eu não sei, com certeza o seu pai reza, ele é um homem da igreja pentecostal, eles rezam para se libertar do mal. Se a avó, que é uma verdadeira bruxa, lhe deu "alguma coisa", um espírito que Emily carrega dentro dela, então as duas coisas não são compatíveis: o pai reza e traz Deus para dentro daquela casa, a criança carrega um demônio, um espírito, amarrado a algum *Obosom*, que sua avó lhe deu. A família com certeza não quer que isso seja conhecido. Por isso, estão preocupados que a criança revele esse segredo.

MLC 3: - É uma casa com o diabo e a água benta dentro.

MLC 4: - A avó é capaz de ver quem entre as suas netas tem as habilidades para se tornar uma curandeira. Na nossa cultura, quando algo do gênero acontece, todos começam a tratar a criança escolhida com muito respeito, como uma criança especial, que tem um poder que os outros não têm.

A atmosfera entre os presentes torna-se cada vez mais empolgada: afirmam-se coisas que muitos ocidentais acreditam pertencer a cenários improváveis, que na Europa reconstróem mistérios antigos e distantes demais para se acreditar que possam existir ainda hoje no mundo. O mal-estar da criança é reconfigurado em torno a um segredo de família, surge um tipo de conflito entre a escola e a família, que se baseia num tema misterioso, que a família prefere não revelar. É a natureza desse segredo que causa as ausências da mãe nas reuniões e no conflito: se a avó deu à criança um espírito, algo que se relaciona com um *Obosom*, uma divindade *asante* ou um antepassado, *Nananom Nsamanfoo*. Em qualquer um dos casos, para a religião pentecostal é considerado um demônio.

¹⁵ *Obosum* ou *Abosom*, na tradição ancestral dos akans, designa um deus ou uma deusa, mas também um fetiche. Em *twi* "B" simboliza a autoridade sagrada, "som" é o suporte, a rocha. Hoje, dos convertidos ao cristianismo, é cada vez mais usado num sentido pejorativo como um espírito ou negativo como um demônio.

Escuto novamente as suas palavras e imagino o pai de Emily aterrorizado: um espírito, um demônio - uma figura ancestral pertencente às antigas divindades do clã materno e ao mundo dos antepassados - está agindo em sua casa, hoje lar de cristãos e crentes e praticantes. Se nesta família existe uma presença demoníaca, não é possível a convivência, porque *luz não pode existir com a escuridão*,¹⁶ e se - como diz uma das MLCs - alguém se informar sobre a avó, poderá descobrir coisas que poderão difamar o pai e toda a família na comunidade pentecostal. Aqui o que está em jogo vai além da vergonha pela reprimenda escolar. O que está acontecendo é um verdadeiro conflito entre grupos: os grupos de novos cristãos e os grupos que praticam as religiões tradicionais africanas, aquelas que nossa antropologia chama de animistas, das quais Emily parece ser a herdeira eleita. As práticas religiosas dos dois grupos têm algumas formas de culto semelhantes, como a possessão e a incorporação, elementos estes que estão na origem de muitas religiões africanas tradicionais e da religião pentecostal, mas os seus rituais e divindades de referência são profundamente diferentes: deuses ou espíritos ancestrais para uns, o Espírito Santo para os outros.¹⁷

Os pentecostais

Torna-se obrigatório perguntar quem são os pentecostais. Com origem em círculos metodistas e batistas no Tennessee e no Kansas no final do século XIX e início do século XX, o pentecostalismo foi, talvez, a onda de renovação protestante que se tornou o maior movimento cristão do século XX. Difuso desde logo na Europa, África e América do Sul,¹⁸ partilha com as outras igrejas protestantes a centralidade da Sagrada Escritura, a Trindade e a divindade de Jesus Cristo e salvação somente através da Graça, o batismo da água por imersão somente aos crentes nunca às crianças,¹⁹ os pentecostais seguem a ritualização da experiência apostólica do batismo do Espírito (Atos 2, 1-42). Daqui nascem as expectativas e dons do Espírito Santo, procurado e praticado nos ritos: glossolalia, as visões, a palavra revelada e profética, as curas através de orações, a luta contra os demônios, o testemunho com um narrar alegre das histórias e graças recebidas, e o estado de transe, a possessão pelo Espírito Santo que desce e permeia os fiéis fazendo com que alguns destes eleitos possam interceder com Deus.

O pentecostalismo leva a sério os espíritos ancestrais, os gênios (*ginn*), os deuses e as práticas da chamada feitiçaria africana e afrodescendente, mas atribui-lhes um novo estatuto, perseguindo-os num processo de demonização dos seus sacerdotes-curandeiros, bruxas e feiticeiros. As *Bayifoo* e os *Obayifoo* dos *asante* ou os *Babalawo* dos iorubás, os *Iwa* dos haitianos ou

16 *Eu vou livrar-te deste povo e dos pagãos, aos quais te envio, para que lhes abras os olhos e assim se convertam das trevas para a luz, da autoridade de Satanás para Deus. Deste modo, pela fé em Mim, receberão o perdão dos pecados e a herança entre os santificados*" (Atos 26, 17-18). Palavras de Paulo fundadoras que por milênios ditaram um programa no modo de se relacionar com outras religiões. Como não podemos sentir a fratura e o conflito que provocaram e provocam nas vidas e na história?

17 As práticas africanas do cristianismo pentecostal e de muitas outras igrejas neocristãs nasceram dentro de uma *apropriação mimética* de formas religiosas tradicionais africanas: compartilham possessões, visões, curas, luta contra criaturas portadoras do mal e demônios. Com o apelo à fraternidade em Cristo, tornou-se frequente a demonização do outro, o não convertido, como o pagão dos primeiros séculos da era cristã, torna-se o adorador do fetiche, o idólatra. Cfr. André Corten, André Mary (éds), 2000, pp. 16-17. Cfr. André Corten, André Mary (éds) *Imaginaires politiques et pentecôtismes. Afrique/Amérique latine* Karthala, Paris 2000, pp. 16-17. Cfr. anche André Corten Sandra Fancello. *Les aventuriers du pentecôtisme ghanéen. Nation, conversion et délivrance en Afrique de l'Ouest*, Karthala, Paris 2006

18 A primeira comunidade italiana de emigrantes estabeleceu-se em Chicago em 1907. A primeira comunidade pentecostal na Itália nasceu em Roma em 1910, uma consequência dos sermões bíblicos de Giacomo Lombardi, um emigrante nos Estados Unidos proveniente da região de Abruzzo em Itália, que regressou à sua terra natal. Hoje, os pentecostais são a maior igreja evangélica na Itália, em crescimento contínuo, como, de fato, em todo o mundo (Kuschel, Moltmann 1996).

19 Isto faz com que Emily não seja ainda batizada, não iniciada ao cristianismo pentecostal.

os *Mãe e Pai do Santo* dos brasileiros, transformam-se em seres ligados a Satanás e à sua ação: forças do mal contrapostas às forças do bem. O Poder do Espírito Santo é assim colocado ao serviço daqueles que são considerados vítimas, perseguidos pelas tenebrosas forças do mal. Do mesmo modo, o padre-curandeiro ou a sacerdotisa-curandeira, os Akonfo para os asantes, os Bokono sacerdotes do Fa, os sacerdotes Houngan do vodu haitiano, os babalorixa do candomblé etc. são identificados como bruxos ou feiticeiros, agentes da ação demoníaca. Todos eles, através da invocação que realizam para os seus deuses, identificados como demônios, são considerados servos, que geram as ações invejosas e sacrifícios humanos: o fazer para comer, o alimentar os inimigos, amigos e parentes.²⁰ É somente com o poder de Jesus, a contra-ação do Espírito Santo, que pode ser afirmada em fetiches e deuses pertencentes a cultos tradicionais, identificados assim com as verdadeiras forças do mal. É o chamado "evangelho quadrangular": Jesus salva-cura-batiza-retorna. Daí a luta particular que o movimento pentecostal empenha na África com as religiões animistas tradicionais e nas Américas com as religiões afrodescendentes e índio-descendentes.

As práticas pentecostais têm sempre, efetivamente, uma dupla finalidade: 1. Mística de revelação, de transe, de Graça concedido pela descida do Espírito entre os fiéis; 2. Exorcista, uma guerra espiritual contra fetiches e feiticeiros, os seres diabólicos cujas vítimas apenas podem liberar-se através do Poder do Espírito. Os corpos são, portanto, teatro de possessões opostas: ou seres do mal servos de fetiches ou do Espírito Santo que dona a Graça. A conquista das almas passa através dos corpos.

As manias divinas

Mas como compreender a possessão? Nossa antiga tradição grega. Por vezes somos levados a viver a vida dos deuses: possuídos, invadidos pelo deus ou pela deusa. Platão na sua obra *Fedro* distingue quatro manias divinas:

1. Mântica, loucura divinatória de Apolo, marcada pela palavra e pela métrica.
2. Teléstica, a loucura iniciática de Dionísio, que entra no corpo "como o líquido escuro que foi revelado por ele".
3. Poética, inspirada pelas Musas encantadoras que invadem, mas cada uma delas impõe as leis de uma arte.
4. Erótica de Afrodite, a mais antiga, que com os dardos de seu filho Eros atinge cada corpo celeste, terrestre, marinho ou do submundo, atraído-o para um entusiasmo de encantos apaixonados.

Onde a mania (*μανία*) é em contato com a divindade, que toca e cura: elevando-se a essa e saindo do corpo por êxtase divina ou pela invasão do corpo, o que acontece na prática é que no

²⁰ É o grande tema da antropofagia Cfr. Geneviève N'Koussou *Enfants soldats ... enfants sorciers* L'Harmattan, Paris 2014 e Tobie Nathan (dir) *L'enfant ancêtre*, La Pensée sauvage, Grenoble 2000. O termo "comer", entre muitos grupos étnicos da África central subsaariana, geralmente indica a ingestão de alimentos, mas se se refere a uma pessoa dotada de poderes especiais e iniciada no mundo do invisível, diz-se que "come pessoas". Isso, é obviamente, não significa que seja um canibal, mas que é alguém capaz de atingir as pessoas na sua força vital por meio de práticas de bruxaria, pertencentes ao mundo da noite. Em comparação com o italiano podemos dizer: a força vital é comida, então ele morrerá. Mas aqui as palavras referem-se a concepções completamente diferentes do mundo. Cfr. Sibille de Poury, op. cit p. 89-103)

²¹ Platone *Fedro* 265 a-b e 244a

²² Sobre Afrodite Cfr. Roberto Calasso *Le nozze di Cadmo e Armonia*, Adelphi, Milano 1988 p. 169, 173.

²³ Sexualmente é uma evidência: o deus estuprador possui entrada na parte cava de corpos femininos ou masculinos.

nosso corpo se produz um vazio, um vaso, que se enche de presenças divinas: assim acontece com a possessão. O termo grego tinha um duplo significado de loucura, paixão, fúria e entusiasmo, invasão, inspiração. Nietzsche a nominava de ebriedade, e a considerava como o estado corporal, a condição fisiológica, que "está na origem de todos os movimentos extremos" em toda forma de arte e de conhecimento.²⁴

As seguidoras de Dioniso, as bacantes, moviam-se como se fossem possuídas: o verbo *mainòmenai* (μαινόμεναι), do qual provém *mênade*, indicava precisamente a presença no corpo de uma força que tinha o poder de se tornar incontrollável e, ao mesmo tempo, através do contato com a divindade doava saúde e conhecimento para aqueles que participavam: libertava os sofrimentos e, simultaneamente, eram iniciados a uma forma de conhecimento que a divindade

doava aos seus seguidores. Essa possessão era a mais alta forma de conhecimento e o mais alto poder que o mundo grego clássico nos transmitiu.²⁵

E hoje, o que é, na verdade, a possessão? A capacidade de alguns seres humanos se esvaziarem: o seu princípio vital que sai do corpo e um ser invisível, uma divindade, um poder, uma força do universo que entra nele.²⁶

Regressando ao trabalho com Emily, é possível reconhecer nela uma criança com uma predisposição particular, que apenas possuem um certo número de pessoas. Neste caso, seus sonhos devem ser tratados como uma visão, onde se vive "a rendição de quem vê ao que é visto".²⁷ A avó num sonho é uma presença iniciática que a *chama* como eleita para fazer dela uma sacerdotisa, *akonfo*. Enfim, esta hipótese, que revoluciona as nossas concepções e etiologias psicoterapêuticas, manifesta-se como uma luta entre divindades e essas divindades não são atribuíveis a conflitos intrapsíquicos, mas a um choque real entre figuras sociais, parentais e religiosas. E é isso que todas as MLCs - o grupo das *asante, fanti, ed ewe* - reconhecem, tecem em seus discursos e através dos quais dão as suas explicações. Aceitar a existência destes seres é abrir um espaço de mediação que muda radicalmente as concepções do corpo e as hipóteses de desconforto e, conseqüentemente, as perspectivas de trabalho e técnica terapêutica.

As disputas no teatro do corpo

Algo de não previsível foi dito. Emily não é apenas uma criança especial, mas também uma criança em disputa. O seu corpo, que tinha sido considerado teatro de um conflito familiar, ou pior, de uma violência, de repente e com espanto, torna-se outra coisa.

As palavras revelam o inesperado para nós e o óbvio para os *asante*: o corpo pode ser habitado por uma pluralidade de espíritos e pode ser um lugar de disputa entre diversas formas de possessão.²⁸ O corpo de Emily torna-se então o palco de uma batalha entre espíritos ancestrais e deuses do clã materno, *Obosom* e o *Espírito Santo* dos cristãos. Mas para os pais é também uma

24 F. Nietzsche *Crepuscolo degli idoli, ovvero come si filosofa col martello* (1889) in *Opere*, VI, 3, Adelphi, Milano 1975, p. 112

25 Foi certamente E. R. Dodds que ligou a *mania* dos *iatromanti* às formas de conhecimento no mundo grego. Cfr. E.R. Dodds *I greci e l'irrazionale* (1951), la Nuova Italia, Firenze, 1978. Cfr. também a visão global oferecida por Fritz Graf *La magia nel mondo antico* (1994), Laterza, Bari-Roma 1995 em particular o IV cap. sobre a iniciação pp. 87-113.

26 É esta a bela definição que dá Max-Gesner Beauvoir, engenheiro químico que se tornou *houngan*, sacerdote mestre de culto do *vudu* haitiano de Port-au-Prince. Esta força para ele é uma vibração, cada *Iwa*, cada divindade é uma vibração: Ogun, Erzulie, Baron Samedi, ... são todos os *Iwa*, são as forças que vibram, quando um ser humano vibra com a mesma intensidade, comprimento e amplitude d'onda, só então será em união com eles. E pois que tudo o que é vivo traz dentro de si esta vibração, *houn*, que permeia tudo e é um sinal da sacralidade da terra, a partir deste ponto de vista, pode-se dizer que a possessão é *uma forma de conhecimento do mundo*. Cfr. Bertrand Hell entrevista a Max-Gesner Beauvoir, em catálogo da exposição *Les maîtres du désordre*, musée quai Branly, Paris 2012.

27 Roberto Calasso *Ka*, Adelphi, Milano 1996 p. 319

28 Isso aplica-se à maioria dos membros das culturas tradicionais africanas e aos adeptos das religiões afrodescendentes e, obviamente, a muitas outras populações numerosas deste mundo.

prova da força da sua nova fé: se o Deus cristão é realmente o mais poderoso.

Tendo em conta o exposto, a história de Emily torna-se uma história que não nos apresenta nem um trauma migratório, nem uma vulnerabilidade pela fragilidade dos pais que não têm referências ou que perderam os vínculos vitais com os lugares de origem.²⁹ As crianças são, efetivamente, colocadas entre estes pólos, pontes com referências fixas, mas aqui, mais do que a instabilidade desses pólos, é o conflito entre as duas partes que determina o mal-estar da filha. Qualquer tentativa de intervir ou construir pontes entre os dois mundos envolvidos torna-se uma ação dentro do conflito em curso e, como tal, é uma tomada de posição, no qual pelo menos três forças diferentes operam:

1. Cultura ocidental, a sua educação, os conceitos de desenvolvimento individual, psicologias, psicopatologias, normas jurídicas de proteção das crianças, etc.
2. A cultura ancestral, com sua transmissão de saber por meio de rituais de iniciação, a concepção da diferente natureza dos indivíduos, o pertencer a clãs e linhagens, etc.
3. As novas igrejas cristãs, com suas próprias modalidades de fé religiosa, as cerimônias de inclusão e aceitação da divindade, o trabalho de proselitismo e a luta contra outras formas de religiosidade etc.

Para as professoras e psicólogas, Emily é uma criança que passa por um período de depressão e, como tal, precisa de ajuda, apoio psicológico. Para a religiosidade pentecostal, assim como para a religiosidade *asante* tradicional, Emily é uma criança que não precisa de nenhum apoio, muito menos de uma psicoterapia, porque o que acontece com ela não é reconhecido como um mal-estar ou sofrimento que deve ser curado, mas como manifestações de sua característica pessoal, a capacidade de *incorporar uma divindade*. Deve certamente ser orientada e guiada, mas para fazer florescer o seu potencial, não para ser tratada porque algo está errado. O momento *inaugural* que ela está vivendo, evidenciado pela “chamada” da sua avó, revela o seu destino fora do comum e como tal é motivo de disputa: cada um dos membros da família e dos seus grupos, reconhece o seu valor, as suas habilidades privilegiadas, o seu ser especial, e por essa razão, cada um deles deseja que a criança pertença ao seu próprio grupo religioso de maneira a ser iniciada para receber o poder das divindades a que estão ligados, o ancestral *Obosom* do *asante* ou o Espírito Santo cristão.

Em ambos os casos - uma vez que as práticas mais íntimas dessas religiões são colocadas naquela condição de comunicação particular que chamamos de transe, na qual o corpo é tomado e possuído por uma presença que manifesta a toda a comunidade seu poder - o corpo torna-se um teatro de guerra. Ou melhor, o corpo de Emily torna-se o palco de uma *batalha entre deuses*³⁰

Termino retomando as perguntas iniciais. Nesta batalha, de que parte estou? Não posso,

29 Esta é a posição de muitos psicoterapeutas que cuidam de crianças e famílias migrantes. Cfr. Marie Rose Moro *Bambini immigrati in cerca d'aiuto* (1998), Utet, Torino 2001, pp. 110 e seg., Marie Rose Moro, Moro Gomez Isidoro et coll. *Avicenne l'andaluse. Devenir thérapeute en situation transculturel*, La Pensée Sauvage, Grenoble 2004.

30 Transe e possessão são aqui entendidos como sendo tomados, habitados, montados, invadidos por um poder invisível, divino ou demoníaco. Cfr. Tobie Nathan *Du commerce avec les diables*, Les Empêcheurs de penser en rond / le Seuil, Paris, 2004. Dos muitos textos sobre a transe e a possessão basta aqui citar os clássicos de Michel Leiris *La possession et ses aspects théâtraux chez les Ethiopiens de Gondar*, “L'Home”, Plon, Paris 1958, Ernesto de Martino *Sud e magia*, Feltrinelli, Milano 1959 e *La terra del rimorso*, il Saggiatore, Milano 1961, Andrés Zempleni *L'interprétation et la thérapie traditionnelle du désordre mental chez les Wolof et les Lébou du Sénégal*, thèse pour le doctorat de troisième cycle, Paris, Sorbonne, 1968; Roger Bastide (1972) *Sogno, transe e follia*, Jaca book, Milano 1974, George Lapassade (1976) *Saggio sulla trance*, Feltrinelli, Milano 1980, Gilbert Rouget (1980) *Musica e trance*, Einaudi, Torino 1986. Uma ampla discussão sobre transe e o corpo pode-se ler em Luc De Heusch *Con gli spiriti in corpo*, (2006) Bollati Boringhieri, Torino 2009. Entre os números de revistas de corrente etnoclinica cfr. *Possession* n° 5 di *Ethnopsy* 2003.

como terapeuta, ignorar nem retirar-me dessa guerra entre religiões e reivindicações de pertença. Se eu fosse o pai, gostaria de poder decidir o futuro da minha filha e da vida que ela terá de conduzir na Europa e no mundo e não apenas numa aldeia africana. A religião à qual desejo associá-la e que, acredito, possa exprimir melhor os seus dons fora do comum, é a religião pentecostal à qual eu me converti e dediquei. É para além disso a religião com a maior expansão e crescimento no mundo.

Certamente este é um desejo compreensível, mas patrilinear.

Se eu fosse a avó, reivindicaria a minha neta como pertencente à minha linhagem, ao meu clã, *abusuakwo*. Ela é a herdeira escolhida por mim e pelos nossos antepassados. Ela é a predestinada a quem confiar a continuação de nossa arte e do nosso saber. Se, depois de ser iniciada, ela quisesse ir para o mundo, assim seja, poderá tornar-se uma fundadora de novos cultos fora da África. Além disso, ao longo da história, isso já aconteceu, as muitas religiões afrodescendentes nas Américas estão lá para testemunhar isso.

Lógico e compreensível, mas certamente matrilinear.

Se eu fosse, como sou, o terapeuta, pertencente a este mundo ocidental com todos os seus constrangimentos, que foi chamado para realizar uma consulta com esta criança e com esta família, para ajudar as professoras e as psicólogas a entender como restabelecer o bem-estar à pequena Emily o que posso fazer? Delineada a disputa e as suas razões, sinto que, em qualquer dos casos, estarei sujeito a decidir de que parte estou. Qualquer discurso que faça, qualquer ação, qualquer processo de mudança que tentarei implementar, será visto como uma tomada de posição em relação às divindades de uma ou da outra parte. Como reconhecer e não esconder as necessidades que cada um deles traz?

Ou, talvez, eu deveria perguntar-me em nome de quem falo? Ou, em outras palavras, a quem eu pertença? Eu sinto-me tão vinculado às instituições ocidentais laicas? Ou eu deveria perguntar-me, nesta guerra entre deuses, quais são meus deuses e em que direção eles me empurram? Perguntas que se multiplicam e com as quais irei ao encontro das professoras, psicólogas, Emily e de quem vier da sua família.